
TEXTOS HISTÓRICOS

A ANÁLISE DO TRABALHO: LONGEVIDADE E DESENVOLVIMENTO DE UM CONCEITO.

ANNE LANCRY-HOESTLANDT

Conservatoire National des Arts
et Métiers (CNAM)

Centre de Recherche sur le Tra-
vail et le Développement (CRTD)

Groupe de Recherche et d'Etude
sur l'Histoire du Travail et de
l'Orientalion (GRESHTO)

41 Rue Gay Lussac 75005 Paris
France

anne.lancry@cnam.fr

A tradução deste artigo para
português foi realizada por
João Viana Jorge.

**EL ANÁLISIS DEL TRABAJO:
LONGEVIDAD Y DESARROLLO DE UN CONCEPTO.**

**L'ANALYSE DU TRAVAIL:
LONGÉVITÉ ET DÉVELOPPEMENT D'UN CONCEPT.**

**WORK ANALYSIS:
LONGEVITY AND DEVELOPMENT OF A CONCEPT.**

Este texto de Guy Karnas e Pierre Salengros ^[1] é uma das comunicações proferidas no decurso do Colóquio intitulado “A ergonomia em informática” organizado em Nivelles na Bélgica, em Novembro de 1985 por René Patesson e pelo Grupo de pesquisas em informática e ciências humanas da *Université Libre de Bruxelles* (1986). Investigadores do laboratório dirigido por Jean-Marie Faverge – laboratório que tinha estado implicado nas primeiras pesquisas europeias promovidas pela Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA) – Karnas e Salengros desenvolveram a prática da análise do trabalho numa grande variedade de postos e de situações de trabalho, enquanto método e enquanto objeto. Eles definem neste artigo “que ela (a análise do trabalho) não pode portanto conceber-se senão por referência a um objetivo em relação ao qual é ‘método’” (p. 332, tradução livre). Esta corrente de pesquisas e de práticas é oriunda dos trabalhos de Ombredane e Faverge nesse mundo dos anos 50 e 60 em que o trabalho era mais físico e em que as transmissões dos sinais informativos não eram muito simbolizadas. É particularmente interessante constatar e relembrar que esta corrente de pesquisas está vivamente presente nos anos 80 em sectores de atividade diversos cujo desenvolvimento tecnológico, em rápida e constante expansão, veio perturbar e modificar radicalmente a quase totalidade das situações de trabalho.

O propósito dos autores é o de mostrar que trinta anos após a edição da obra de referência de Ombredane e Faverge (1955), os princípios fundadores da análise do trabalho eram suficientemente robustos e evolutivos para permitir a análise de situações de trabalho completamente novas e desconhecidas das dos anos 50. Agora, quase 60 anos após a publicação desta obra, esses conceitos são ainda ricos em novos desenvolvimentos adaptados às novas evoluções do trabalho. Foi o que pôs em evidência a jornada de estudo organizada pelo GRESHTO-CRTD no CNAM ^[2] em 2012 consagrada ao livro de André Ombredane e Jean-Marie Faverge publicado em 1955: “A análise do trabalho. Fator de economia humana e de produtividade” ^[3].

Faverge, retomado por Karnas e Salengros, constata que a ordem cronológica da aparição das análises do trabalho coincide com a evolução das modificações tecnológicas e ergonómicas do trabalho. Citemos o texto original: “- trabalhar é ocupar-se das posturas, realizar gestos; - trabalhar é tratar a informação, é ‘comunicar’ com a matéria, seja diretamente ou com a ajuda de intermediários mais ou menos complexos, desde o painel, botão, pedal, até ao computador ou robô, passando pelo autómato; - trabalhar é também regular processos complexos originados, nomeadamente, a partir de interações entre as células de um sistema em que nós mesmos somos um dos elementos (isso é evidente) que é também um sistema; - finalmente, trabalhar é recorrer a processos de pensamento que gerem as atividades anteriores; assim, é implementar algoritmos, heurísticas, representações, es-

tratégias. É esse o domínio que passou a ser a ergonomia cognitiva” (p. 332 e 333, tradução livre).

No quadro desse colóquio respeitante à Ergonomia Informática, os autores relevam três características salientes a ter em conta na análise do trabalho: “- a tomada de poder do homem sobre a sua atividade, os movimentos de humanização do trabalho e o desenvolvimento das técnicas informáticas no quadro de uma crise económica com as suas consequências na dinâmica organizacional da empresa” (p. 333 tradução livre). A previsão (pelo operador e não somente por um gabinete de métodos), a regulação da atividade, a possibilidade de intervir numa cadeia de disfuncionamentos (Faverge et al, 1966) são elementos decisivos para o interesse e as competências desenvolvidas no trabalho e portanto da tomada de poder do homem sobre a sua atividade; são aspetos importantes a pesquisar na análise do trabalho. Interligamos essas observações com os trabalhos mais recentes de Clot (2013) quando a propósito de uma reflexão de Malrieu lembra que “um trabalhador não pode viver duravelmente num ofício a menos que possa “fabricar” ofício para trabalhar (...) o ofício não é apenas uma atividade pessoal ou interpessoal. É também transpessoal e impessoal, história coletiva e “genérica” de um dado meio e normas sociais gerais e prescritas de uma profissão” (p. 148, tradução livre).

Se voltarmos ao texto de 1986, os autores assinalam num segundo ponto que conjuntamente com o desenvolvimento da análise do trabalho numa perspectiva estritamente ergonómica mais centrada no posto de trabalho *in situ*, correntes de pesquisa em psicologia social, sociologia, economia, interessaram-se pelos contextos de vida na qual o trabalhador evolui. Os autores fazem referência aos estudos respeitantes às ligações entre a vida no trabalho e a vida fora do trabalho abordando as questões das representações do trabalho para o homem e os sistemas de valores que lhe estão ligados. Evocando os conflitos temporais entre a vida no trabalho e fora dele assinalam as reinterpretações possíveis dos limiares de declarações de acidentes ou dos fatores influentes no absentismo, o que introduz a noção de “estilo”, refletindo a conceção pessoal da vida no trabalho. Esta reversão do ângulo sob o qual a ergonomia aborda o trabalho (a pessoa fala para ela) leva inevitavelmente ao emprego de outros métodos na investigação e na análise, isto é, a entrevista e o questionamento.

Esta evolução permitiu aos ergónomos enriquecer as suas análises com pontos de vista psicossociais e trabalhar com psicólogos sociais e psicólogos do trabalho. Aludimos aqui nomeadamente no que respeita ao sistema de atividades vida no trabalho/vida fora do trabalho, aos trabalhos conduzidos por Curie (2000) e ao laboratório “Personalização e mudanças sociais” de Toulouse.

No terceiro e último ponto da sua apresentação aborda-se o desenvolvimento das técnicas informáticas num contexto de crise económica. Nos anos 80, fala-se de postos votados à codificação de dados acompanhados pelo sentimento de perda de autonomia e de liberdade ao pôr em prática os procedimentos ou mesmo do sentimento de despersonalização na relação com os clientes. Os primeiros estudos neste domínio dizem respeito à adaptação à máquina e começam a aparecer estudos sobre os aspetos psicossociológicos deste tipo de trabalho os quais vão em seguida associar aos seus questionamentos uma análise do trabalho. O que permitirá, nomeadamente, pôr em evidência, por exemplo, que a famosa “resistência à mudança” não é imputável a uma falta de motivação mas a uma perda da possibilidade de antecipar a tarefa, de dominar a sua atividade e, se for o caso, de recuperar de uma situação degradada.

Sem entrar em detalhe nestes estudos é também neste período que, com Leplat (1992) e Leplat e Hoc (1983) é introduzida a distinção entre análise da tarefa, descritiva e diagnóstica (prescrita, efetiva e real) e a análise da atividade nos seus aspetos observáveis e nos seus mecanismos subjacentes, inobserváveis e inferíveis. Numerosas técnicas ficam disponíveis para objetivar a tarefa e são frequentemente necessárias para pôr em prática a análise da atividade para a qual, além da observação eventualmente filmada, se encontram as entrevistas e questionários podendo associar-lhes os métodos da psicologia clínica da atividade (auto-confrontação simples, cruzada e o método do sócia) (Clot, 2008).

O enriquecimento da análise do trabalho e da análise da atividade acompanha, por um lado, o desenvolvimento de novas formas de trabalho e por outro, importantes reflexões sobre sectores de atividades antigas cuja evolução e disfuncionamentos colocam numerosas interrogações. Em ergonomia novas temáticas se desenvolveram, as quais mostram que é possível transpor a análise do trabalho para situações em que se poderia pensar *a priori* que não diziam respeito ao seu campo de aplicação (domínios da ergonomia e da educação, da ergonomia e da multimédia, da saúde, da deficiência, dos transportes, dos serviços) (Lancry, 2009).

O desenvolvimento da análise do trabalho em meio escolar (Lancry-Hoestlandt, 2013, 2014) é exemplo de um possível reinvestimento. Tem como ponto de partida os conceitos de tarefa e de atividade, especificando-os e enriquecendo-os nomeadamente com as noções de prescrição explícita e implícita e de tarefa principal (a que é avaliada) e de tarefa secundária (pré requisito ou prévia à compreensão e à realização da tarefa principal). Este contributo permite também abordar a noção de fiabilidade retomando a conceção de Faverge, do homem enquanto agente de fiabilidade e de infabilidade para ele próprio e para o sistema, daí a nossa retoma da definição de Leplat e de Terssac (1990):

“estudo dos fatores (das modalidades de implementação e de elaboração das competências) adequados à melhoria da qualidade do acoplamento homens X tarefas” (tradução livre). Em meio escolar trata-se de distinguir os fatores ou a combinação de fatores que favorecem, impedem ou complicam a realização da tarefa prescrita ou de tarefas secundárias. Fala-se de indicadores de fiabilidade quando o ator (ex: o aluno, o professor ou qualquer outro trabalhador) pode, pela sua ação própria acentuar ou provocar uma situação não fiável ou pelo contrário transportar elementos corretores que otimizam a situação e inibem os efeitos negativos geradores de erros e disfuncionamentos, quer dizer quando (ele) se torna agente de fiabilidade para si próprio ou para a estrutura. Estas primeiras abordagens têm de ser aprofundadas e completadas por uma análise conjunta da atividade do aluno e do professor.

Acresce portanto que é útil e precioso poder retomar e “voltar a dar a palavra” aos textos e pesquisas fundadoras das nossas disciplinas e constatar que as atualizações são possíveis e fecundas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Clot, Y. (2008). *Travail et pouvoir d'agir*. Paris: PUF.
- Clot, Y. (2013). Philippe Malrieu et le travail: une personnalisation paralysée? In A. Baubion-Broye, R. Dupuy & Y. Prêteur. (Eds). *Penser la socialisation en psychologie. Actualité de l'œuvre de Philippe Malrieu* (pp. 141-152). Toulouse: Erès.
- Curie, J. (2000). *Travail, Personnalisation, Changements sociaux. Archives pour les histoires de la psychologie du travail*. Toulouse: Octarès.
- Faverge, J.-M., Olivier, M., Delahaut, J., Stephaneck, P., & Falmagne, J.C. (1966). *L'ergonomie des processus industriels*. Bruxelles: Editions de l'Institut de Sociologie de l'Université Libre de Bruxelles.
- Lancy, A. (2009). *L'ergonomie*. Paris : PUF, Coll. Que sais-je?
- Lancy-Hoestlandt, A. (2013). A propos d'ergonomie scolaire. In A. Drouin, (coord.). *Ergonomie. Travail, Conception, Santé. Cinquantenaire de la Société d'Ergonomie de Langue Française - 1963-2013*. (pp. 381-391). Toulouse: Octarès.
- Lancy-Hoestlandt, A. (à paraître 2014). Le travail en herbe. L'analyse du travail en situation scolaire. In R. Ouvrier-Bonnaz & A. Weill-Fassina (coord.). *"L'analyse du travail" Ruptures et Evolutions*. Toulouse: Octarès (édition électronique en accès libre).
- Leplat, J. (coord). (1992). *L'analyse du travail en psychologie ergonomique. Recueil de textes. Tome 1*. Toulouse: Octarès.
- Leplat, J., & Hoc, J. M. (1983). Tâche et activité dans l'analyse psychologique des situations. *Cahiers de psychologie cognitive*, 3, 1, 49-63.
- Leplat, J. & de Terssac, G. (1990). *Les facteurs humains de la fiabilité dans les systèmes complexes*. Toulouse: Octarès.
- Ombredane, A. & Faverge, J.-M. (1955). *L'analyse du travail*. Paris: PUF.
- Patesson, R. (coord) (1986). *L'Homme et l'écran. Apports de l'ergonomie en informatique*. Bruxelles: Editions de l'Université Libre de Bruxelles.

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO?

Lancy-Hoestlandt, A. (2014). A análise do trabalho: longevidade e desenvolvimento de um conceito. *Laboreal*, 10(2), 88-91. <http://dx.doi.org/10.15667/laborealx0214acpt>

NOTAS

- [1] Karnas, G., & Salengros, P (1986). L'analyse du travail trente ans après Ombredane et Faverge. In R. Patesson. *L'Homme et l'écran. Aspects de l'ergonomie en informatique* (p.331-340). Colloque "L'ergonomie en informatique", 1985, Nivelles. Bruxelles: Ed.de l'Université de Bruxelles.
- [2] Groupe de Recherche et d'Etude Sur l'Histoire du Travail et de l'Orientation du Centre de Recherche sur le Travail et le Développement du Conservatoire National des Arts et Métiers.
- [3] Esta Jornada deu origem a uma obra coordenada por R. Ouvrier-Bonnaz e A. Weill-Fassina, do GRESHTO-CRTD, CNAM (a sair em 2014): *"L'analyse du travail" Ruptures et Evolutions*. Ed. Octarès. Toulouse (edição eletrónica de acesso livre).